

Foi um
jeito
de
derreter

Apoio

Este projeto é selecionado

Rumos
ItaúCultural



telaranka

*Foi um
jeito
de
derreter*

JESSICA STORI

© Jessica Stori, 2026

COORDENAÇÃO EDITORIAL Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira
EDITORA-ASSISTENTE Juliana Sehn
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Manoela Haas
FOTOGRAFIAS E COLAGENS Jessica Stori
PREPARAÇÃO DE TEXTO Guilherme Conde Moura Pereira
REVISÃO Bárbara Tanaka
COMUNICAÇÃO Hiago Rizzi
PRODUÇÃO Antonio Aragão, Letícia Delgado, Raul K. Souza e Sophia Martinez

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)		
S884F	Stori, Jessica Foi um jeito de derreter / Jessica Stori. – 1. ed. – Curitiba, PR: Telaranha, 2026. ISBN 978-65-85830-47-8 1. Novela brasileira I. Título.	CDD: 869.93
Índices para catálogo sistemático: 1. Novela : Literatura brasileira 869.93 Henrique Ramos Baldisserotto – Bibliotecário – CRB 10/2737		

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
Julho de 2026

O grito de surpresa dolorosa que a imposição do mal suscita no fundo da alma não é da ordem do pessoal. Um ataque à pessoa e a seus desejos não é o suficiente para fazê-lo vir à tona. Ele eclode sempre pela percepção de um contato com a injustiça através da dor. Constitui sempre, como na última pessoa, como no próprio Cristo, um protesto impessoal.

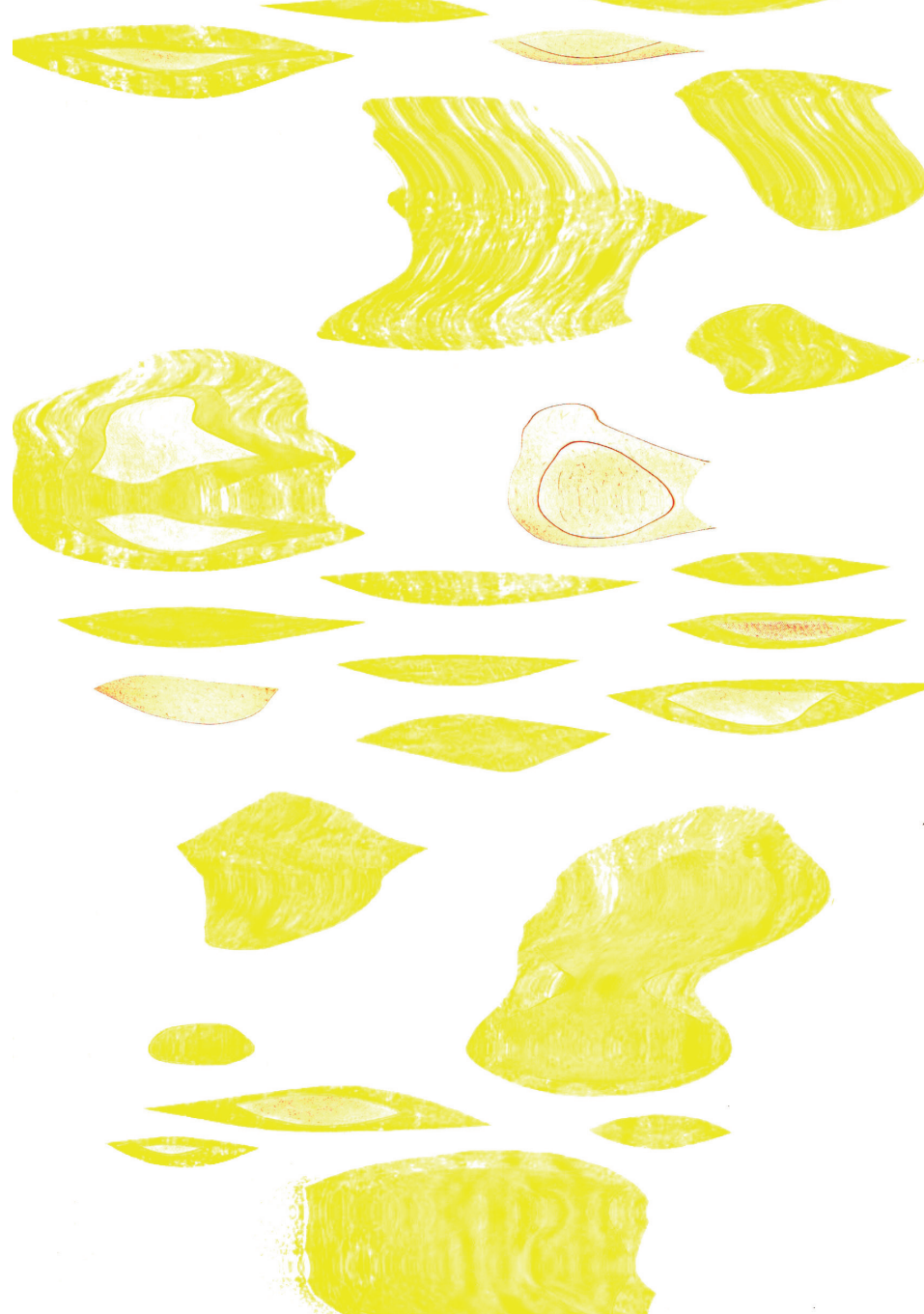
Simone Weil, trad. nossa.

Celina · 9

Marta · 25

Lorena · 85

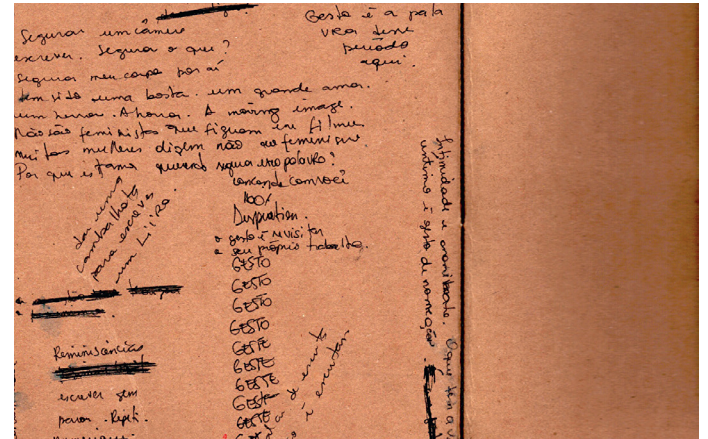
Celina











Escrever Marta é voltar para você e não há mais como te fazer perguntas. Tivemos tempo, mas não intimidade, não vesti a roupa da investigação para buscar sua história, estava adaptada à fuga do olhar direto. Sei que teve irmãs e foi professora. Também que se casou com Hernando, engravidou e trocou de ofício. Depois da separação, eu quis juntá-los; um esbarro no beco como uma queda da solução no colo dos dois. Não foi possível. Também massageava e depilava, fazia mechas no meu cabelo enquanto eu esperava o final do seu expediente no salão. Dançava todo domingo e, antes disso, se arrumava num ritual que ninguém se colocava no meio. Depois de Hernando, a vontade de se divertir. Ou esquecer. Ou refazer. E Marta? Sei que agora a escolha era sua, e nenhum deles ficava no seu caminho. Você não me narrou nenhuma dor, mas eu conheço algumas.

Vou até sua casa anos depois e você não está, vou para ver as fotos que deixou guardadas. Quero vê-los em imagens de um tempo em que eu não existia, assistir a vocês, jovens e crianças, reunidos num carro a caminho da praia. Pego todos os registros com a mão e duplico o material, vou levar comigo o que eu conseguir. Ter informações sobre você é diferente de te ouvir contar a sua vida. Não vou contar a sua história, aqui está a lacuna e as vigas da casa.

Dentro do álbum, antes da primeira imagem, uma folha solta escorrega no plástico e para na minha barriga. Uma lista de nomes seguida do título “oração”. Marta em primeiro lugar, jamais esquecida, e eu, no quarto lugar, me garanto em suas invocações. A folha é branca e não tem manchas, apenas está com as pontas desfeitas. Como você não vai saber ou se importar, coloco a lista dentro do envelope entre as duas primeiras fotos encostadas. Guardo a sua prece e a vejo ajoelhada diante do álbum, apoiando a cabeça na almofada do sofá, seguindo a ordem, pedindo pela vida deles com a cadela ao lado, aproveitando a altura para pular e arranhar as suas pernas.

Quero ver aquele encontro de pessoas em disposições que eu não conheço. Todos juntos no jogo da manutenção dessa estrutura úmida, colada a nós. Marta bebê aparece com os cabelos iguais aos meus, soltos e escorridos; o corte foi reproduzido vinte e cinco anos depois na

minha cabeça. As bochechas e o nariz se repetem e paros nos olhos, abandono a sobreposição e não sei mais da criança porque são os olhos de Marta em diferentes cenas: assoprando a vela do meu bolo de três anos, tentando me alcançar com garras punitivas enquanto forço a parede que não me dá chance, são os olhos de Marta me oferecendo a mão para dançar e me elogiando por manter a soltura dos quadris, são os olhos de um grande medo, me pedindo para cuidar das pernas enquanto tentam roçá-las. Fico com os olhos em Marta, criatura, e volto a você.

As suas últimas palavras foram delirando quando todos acreditavam que seria por sufoco, já que carregava o ar numa bolsa. Apesar do rim, o delírio foi reação, você saiu da cama, escolheu vestidos, maquiagens, brincos e anéis, se arrumou cintilante no corpo envelhecido, e eu a observava esperando que algum dia aqueles brilhos fossem meus. Eu olhava para a joia, para você, para a joia e para você ansiando pelo nosso próximo encontro, em que, no meio da noite, eu ia segurar a sua orelha para dormir.

Não lembro qual foi a nossa última noite juntas, mas me lembro de você ter insistido, com dor e pressão baixa, para se levantar da cama e ir até a sacada do quarto me olhar pela última vez. Eu olhei de volta.